

Presenças não-masculinas em transmissões esportivas: Análise de recepções negativas a partir de um padrão de “quem” deve per(forma)r¹

Fellipe Moreira da SILVA²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo

O artigo busca observar como as marcas identitárias consideradas fora da norma do homem cis heterossexual em transmissões de futebol acionam respostas negativas a partir do pré-julgamento de quem está falando e não do conteúdo existente na mensagem. Analisando comentários nas redes sociais referentes as performances de Isabelly Moraes, primeira narradora de rádio de Minas Gerais e Luciana Zogaib, primeira mulher a narrar um título de um time brasileiro em Libertadores, serão apresentadas reflexões sobre algumas camadas de violências que são praticadas a partir da deslegitimação do trabalho feminino neste ambiente altamente misógino.

Palavras-chave: Transmissões futebolísticas; performances; misoginia; machismo; recepções

Introdução

Analisar o futebol e o ambiente que o envolve no sentido das regras e seus funcionamentos é bastante rotineiro. Assim como a ligação da mídia nas coberturas esportivas, seu funcionamento logístico e técnico. Entretanto, pensar comunicação é pensar sociedade. Pensar em coberturas de futebol, nesta ótica, é se atentar também aos atravessamentos, violências e hostilidades que o meio oferece. Desassociar futebol e sociedade seria anular que ele é praticado e consumido por pessoas.

Justamente essa prática e consumo, em teoria, podem ser feitos por qualquer pessoa que tenha interesse naquela temática e condições para tal. Condições no sentido de preparação, treino, estudo, ou até “talento”, talvez. Mas, para além disso:

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação e Jornalista pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail: moreirafellipern@gmail.com

oportunidades – nas mais diversas camadas sociais que o termo pode nos apresentar. Porém, assim como acontece em outras esferas da sociedade, os estereótipos e comportamentos preconceituosos que são reproduzidos geram violências e desigualdades – negando, dificultando e sabotando justamente muitas dessas oportunidades.

O futebol, mais precisamente, é um ambiente bastante hostil para quem não performa um segmento do que é considerado “ideal” para este universo: ser homem cisgênero – que se identifica com o gênero atribuído ao nascimento – heterossexual e que se comporta segundo os padrões sociais que dizem o que é “masculino”: sem demonstrar fragilidade, com frieza nos afetos, demonstrando “virilidade”, etc. Essa imposição contribui para ser ou para se comportar de acordo com os papéis de cada gênero – o que seria “coisa de homem” ou “coisa de mulher”. Como se as pessoas fossem colocadas em recipientes distintos do que podem ou não fazer por causa de gênero, neste caso.

As transmissões esportivas, seja em plataformas radiofônicas, audiovisuais, ou inteiramente na internet não fogem dessas reproduções. A presença masculina que segue um padrão de comportamento heteronormativo tende a ser validada automaticamente nesses espaços e ocupa historicamente uma posição dominante tanto de quem exerce as funções de narrador, comentarista, repórter, etc, quanto de quem tem o poder da caneta: editores chefes, diretores, produtores e afins. Pessoas fora dessa métrica, quando conseguem ocupar esses espaços, sofrem retaliações, questionamentos e outras situações desagradáveis em alguma camada.

É possível associar esses recortes sociais com os estudos da comunicação, sobretudo porque são formados por pessoas – e pessoas se comunicam. José Luiz Braga (2011), defende o compartilhamento dos aspectos da comunicação com as ciências humanas. Ele fala sobre “interdisciplinarismo”, justamente, apontando que “A questão que se coloca hoje é justamente a de perceber as articulações entre o campo da Comunicação e outras áreas – o que se espera de cada lado da interface” (Braga, 2011, p. 64). E que essas questões sociológicas, linguísticas e até mesmo ligadas a antropologia são fundamentais para avançar os conhecimentos nos estudos da comunicação para conversar sobre a sociedade com membros da sociedade, em uma perspectiva por ele chamada de “ângulo de interação social”.

Braga (2011) defende a centralidade da mídia no debate pela viabilização da noção histórica comunicacional pela importância dela a partir das interações extra midiáticas (principalmente depois dos avanços tecnológicos da última década) e também pelo poder

de penetrabilidade em atingir espaços não midiáticos. O que alcança pessoas, pode moldar opiniões, trazer representatividade, atingir e afetar. E se falamos de emissão, recepção e meios, é necessário falar sobre mensagem.

Apresentarei duas personagens do mundo das transmissões esportivas que vão ajudar a ilustrar as discussões em algumas camadas. Isabelly Morais e Luciana Zogaib, narradoras, comentaristas e repórteres de futebol.

Transmitir as mensagens referente aos jogos é suficiente?

Muniz Sodré (2014, p. 8) compreende que transmitir é “comunicar uma notícia”, embora o sentido linguístico do significado das palavras não seja a única camada existente para a recepção – porque gestos e outros símbolos também constituem a comunicação. Entretanto, o ponto de partida articula a ideia de comunicar notícias junto com a concepção de narração de Ednelson Florentino Silva (2008, p. 44) que diz ser uma “proposta comunicativa de levar até o ouvinte os detalhes dos acontecimentos registrados durante uma partida de futebol”. Sendo assim, narrar futebol em transmissões televisivas ou radiofônicas é detalhar lances dos jogos e seus desdobramentos. Para muitas locutoras de futebol, comunicar as notícias não é suficiente porque o seu corpo (sexualizado), a sua voz (se “fina”, deslegitimada) e sua conduta, no mínimo, tende a cair em descrédito antes mesmo do jogo começar, já no “Boa tarde!”. Há um julgamento negativo imediato pela ideia de não pertencimento. Sodré (2014) expande este olhar.

Os seres humanos são comunicantes, não porque falam (atributo consequente ao sistema linguístico), mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um comum a ser partilhado. No âmbito radical da comunicação, essas mediações não se reduzem à lógica sintática ou semântica dos signos, porque são transversais, oscilantes entre mecanismos inconscientes, palavras, imagens e afecções corporais. (Sodré, 2014, p. 7)

É como se a transmissão de mensagens não fosse levada em consideração. É o que Sodré (2014, p. 201), um pouco mais à frente em sua obra comenta que a linguagem não basta, porque “o gesto, a fisionomia, a corporeidade, o modo de inscrição do sujeito no mundo” também comunicam. É possível perceber isso fazendo um comparativo de narrações entre homens e mulheres que performam no mesmo veículo. Como se a fisionomia não fosse pertencente com o mundo hegemônico masculino. Justamente como se o modo de inscrição do sujeito no mundo, neste caso, de mulheres à frente de transmissões esportivas, não fosse pertencente.

Retomo o intertítulo desta seção com um acréscimo: Transmitir as mensagens referentes aos jogos é suficiente, Isabelly Moraes?

A narradora mineira já transmitiu as duas primeiras divisões do campeonato brasileiro, entre 2017 e 2018, cobrindo jogos dos principais times da capital: O América MG, Atlético MG e o Cruzeiro. Ela foi amplamente criticada por torcedores dos três times. A maioria dos comentários eram relacionados a ela “não saber narrar” ou “ser ruim”. Apontando como se ela estivesse fazendo “errado” – sendo que a informação dada em comparação a outros locutores era a mesma.

Na sequência, você vai ler trechos transcritos de narrações realizadas por ela em jogos dos três maiores times do estado pela Rádio Inconfidência. Essas narrações foram comparadas com locuções masculinas do mesmo jogo, do mesmo lance, do mesmo dia, só que por outra emissora. Os narradores citados são os setoristas, responsáveis por transmitir apenas jogos daquela determinada equipe, da Rádio Itatiaia, uma das principais emissoras “adversárias” de audiência da Inconfidência.

Lance 1 - Gol de Robinho – Jogo: Corinthians 1x2 Cruzeiro (Final da Copa do Brasil – Outubro, 2018)³	Transcrição:
Narração de Isabelly Moraes (Rádio Inconfidência - MG)	“Léo Santos... tentou o domínio, briga o cruzeiro, vai brigando o Rafinha, recuperou a bola o Cruzeiro, fez o passe para o Barcos... de fora da grande área, Barcos, o argentino... se enrolou na meia lua, tenta bater o Barcos... na trave! Olha o Cruzeiro na chegada! Gol! É do cruzeiro! Robinho marca. [...] O Barcos tentou e ela foi na trave. Depois ela sobra para o Robinho para fazer o primeiro gol do jogo. Para colocar o Cruzeiro no caminho do hexa!”
Narração de Alberto Rodrigues (Rádio Itatiaia – MG)	“A bola ia sair, insiste o Cruzeiro, recupera bem com Rafinha, já deixou batido... lançou para Barcos, dominou, vai tentar o gol, fintou o seu marcador, no canto, chutou... na trave! Voltou para o chute, atenção... a bola passa, é gol! Do Cruzeiro! Depois de uma bola na trave [...] no rebote Robinho mandou para o fundo do gol, fazendo de forma notável o momento maior do futebol, inaugurando o marcador na Arena Corinthians.”

³ Link para ouvir as narrações: <https://www.youtube.com/watch?v=TRbnSZP7fzg&t=1938s>

Narração da Isabelly: De 19 minutos e 49 segundos à 20 minutos e 36 segundos

Narração do Alberto: De 4 minutos e 4 segundos à 4 minutos e 47 segundos

Lance 2 - Gol de Neto Berola – Jogo: América MG 3x1 URT (Campeonato Mineiro – Fevereiro, 2019)⁴	Transcrição:
Narração de Isabelly Morais (Rádio Inconfidência - MG)	“Bola mais à frente, chegando com Zé Ricardo. Recuperou o time do América. Leandro, lado direito, quase perdeu. Faz o giro de corpo, tirou a marcação, fez o passe para o Berola. Na intermediária, de perna direita... gol! Do América! Foi só falar, foi só ‘cornetar’ se não o passe não tava dando certo. Neto Berola, o passe chegou para ele. Em meio a marcação de perna direita finaliza rasteiro e iguala o marcador...”
Narração de Ênio Lima (Rádio Itatiaia – MG)	“Vem chegando pela direita, gira para cima do seu marcador, ganhou bonito, partiu pela meia direita, a jogada pode ser boa, Berola dominou, puxou, chutou... marcou! Berolou! Gol! do América! Neto Berola dominou, chutou no canto. Ele acreditou [...] agora tá um a um aos vinte e quatro minutos. Para queimar a confiança e queimar a língua, inclusive a minha...”
Lance 3 – Gol de Cazares – Jogo: Atlético MG 1x0 Botafogo (Campeonato Brasileiro – Dezembro, 2018)⁵	Transcrição:
Narração de Isabelly Morais (Rádio Inconfidência - MG)	“A bola sobrando agora com o Léo Silva, lado direito para Emerson, mais à frente para Luan. A bola para o Emerson mais uma vez, na devolução, na correria. Emerson, o cruzamento rasteiro dentro da área! Gol! Do galo! Abre o placar o Galo! Inaugura o marcador o atlético! O Emerson buscou o jogo e já chegando na linha lateral, o cruzamento para o Cazares, o dez do Galo, sozinho no meio da área, Botafoguense... para concluir para o gol. Para levantar a massa nas arquibancadas do Horto!”
Narração de Mário Henrique “Caixa” (Rádio Itatiaia – MG)	“Olha a bola rolada do Luan, de novo para o Emerson na linha de fundo, pintou o galo na boca do gol, Cazares... caixa! Gol! Do Galo! Cazares! [...] Jogada sensacional na direita do Emerson depois da tabela com o Luan. Recebeu, olhou na grande área, tocou pra trás com carinho para Cazares empurrar para o fundo do barbante”.

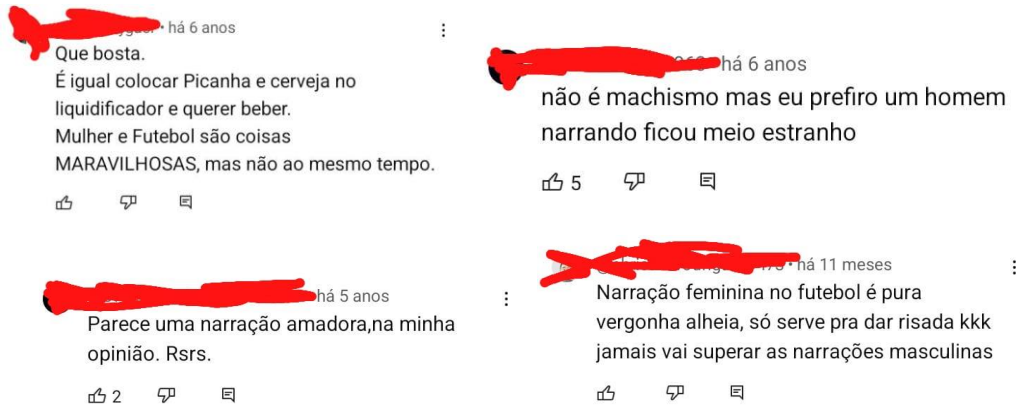
É perceptível que cada um possui seu vocabulário e seus determinados sinônimos que dialogam com os termos futebolísticos específicos. Contudo, fazendo valer a missão

⁴ Link da Narração do Ênio: <https://www.youtube.com/watch?v=Nk53UNAPyJE&t=139s> - De 1 minuto e 19 segundos à 2 minutos e 09 segundos

Link da Narração da Isabelly: https://www.youtube.com/watch?v=feCVv9hUs_M&t=149s - De 1 minuto e 43 segundos à 2 minutos e 29 segundos (Acessados em 09/05/11)

⁵ Link da narração da Isabelly: <https://www.youtube.com/watch?v=tQ0Bk91MhNM> / Link da narração do Mário: <https://www.youtube.com/watch?v=8Qd12F6ogI0> (Acessados em 11/05/24)

de narrar as jogadas de forma mais fiel possível ao ocorrido – de forma muito semelhante. Em alguns casos, como no lance 2, ela ainda trouxe mais detalhes que seu concorrente. Entretanto, comentários como estes abaixo são encontrados em registros de algumas narrações feitas pela Isabelly no *Youtube*.



Das raras vezes que homens são criticados, não é por uma perspectiva de não pertencimento. Não é por ser homem, especificamente. O peso é bem maior para elas. Nota-se que, a inquietação vem a partir da posição de uma mulher no comando de uma narração de futebol, visto que a informação dada é a mesma. Não é sobre forçar unanimidade nem gosto, mas refletir sobre de onde vem a “opinião”. Ela vem de uma construção social. Por que “estranho”, se a informação foi passada fielmente ao ocorrido? Por que “amadora” se a linguagem foi a mesma? Por que “Só serve para dar risada”, se a informação passada foi única e exclusivamente sobre as tramas do jogo? Não é stand up. E para que essa ideia de “superar” os homens?

É um fenômeno que Stuart Hall (2016, p. 190) entende como “estereotipagem”, algo que reduz “as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais que são representadas como fixas por natureza”. As mulheres são reduzidas aos estereótipos de incapazes de entender e comentar sobre coisas relacionadas a jogos de futebol, sobretudo, articular um pensamento e emitir isso em uma transmissão. Como disse um dos comentários – com uma ideia sexista e problemática – que mulher e futebol “não se misturam”. É como se uma mulher que entende de futebol não fosse aceitável por não “caber” dentro da lógica patriarcal de que só homens detém dessa possibilidade. É como se não fosse normal e pertencente.

Então, outra característica da estereotipagem é sua prática de fechamento e exclusão. Simbolicamente, ela fixa os limites e exclui tudo que não lhe pertence. A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”. O “aceitável” e o

“inaceitável”, o “pertencente” e o que não “pertence”. Ou é outro entre pessoas de dentro e forasteiros entre nós e eles. (Hall, 2016, p. 192)

Hall (2016) nota que esse tipo de situação reforça um exercício de violência simbólica. Segrega e restringe possibilidades de ser. Com isso, as desigualdades de poder entram em evidência. “Contra um grupo subordinado ou excluído”, neste caso, de mulheres que são colocadas em um lugar de submissão. Há tentativa de controle de “como” se fala, de “o que se fala”, “de que modo”, “em que lugar”, mas, acima de tudo, de “quem” está falando. Se esse “quem” não estiver de acordo com o que a hegemonia social compartilhou ao longo dos anos, não serve. Um pequeno parêntese para o “quem” e “onde” em outros aspectos: é como se homens que não gostam de futebol não fossem homens. Ou, como se não pudesse existir homens LGBTQ+ e amante de futebol ao mesmo tempo. Até mesmo a associação problemática de uma “validação” – com muitas aspas – de mulheres na relação com o esporte apenas se forem lésbicas com aparência que não segue os padrões sociais de feminilidade. Além do gênero, raça, sexualidade, aparência física e outros aspectos também apresentam camadas de violências específicas – para algumas pessoas somatizadas. Algumas espécies de “justificativas” que, na verdade só reforçam a estereotipagem debatida por Hall. As expectativas de performances são muito latentes: quem pode e de que (forma) pode performar?

Questionando pensamentos dados: quem pode per(forma)r?

Um dos argumentos bastante utilizados pelas pessoas é que “não se trata de machismo, mas...”. E é no “mas...” que anda o problema. O contraponto. Para além do contexto da informação como base, foi perceptível que os outros elementos presentes na transmissão acabam chamando mais atenção. Isso tem a ver com a atribuição pré-definida de gênero. Não se olha como uma profissional, mas como um objeto. Algo a ser desejado, conquistado. Elogiado, não pelo trabalho, mas pela aparência. E que sofrem outros tipos de violência em múltiplas escalas, seja verbal, física, psicológica, moral, etc. O estereótipo agressivo da mulher que deve “pilotar fogão”.

Ângela Marques (2012, p.1) em diálogo com pensamentos de Jacques Rancière, pensa na perspectiva dessa ocupação como ato político, onde as atuações tornam-se cenas de dissenso, ou seja: que constituem quando “sujeitos que não eram contados como interlocutores” – neste caso, mulheres em transmissões esportivas – interrompem de algum modo aquilo que estava dado, que neste caso é a predominância e hegemonia de

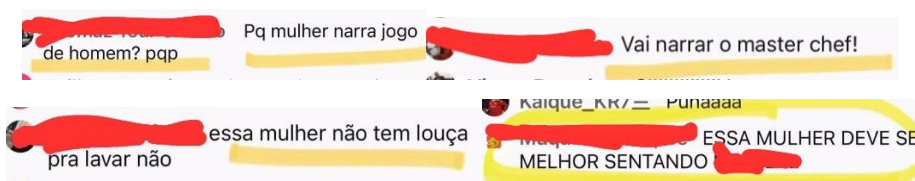
homens como narradores, e reenquadra a ideia enraizada do que é comum. Causando estranheza, mas, trabalhando para o fortalecimento da luta. Sem ser os conflitos de melhores ou piores, apenas poder ser – se for da vontade.

Assim, os sem-parte devem preferencialmente ser vistos como uma metáfora que indica um intervalo na ordem existente de aparência entre uma ordem já dada e outras configurações possíveis do espaço entre e dentro dos mundos nos quais estão inscritos os sujeitos. (Marques, p. 131-132)

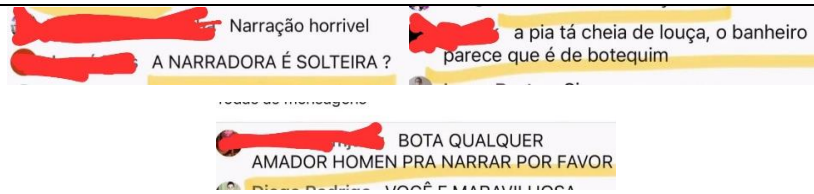
Os “sem-parte”, estão, aos poucos, tentando fazer parte. Essa (re) criação de abertura de outros comuns é necessária para que também se torne comum. E as experiências estéticas e recepções não estejam tão engessadas. Acostumadas a pensar segundo ideias passadas de geração em geração – que não lhes dá garantia de não serem violentas – e normalizando comentários, entre muitas coisas, sexistas.

A narradora carioca Luciana Zogaib tem uma vasta experiência no ramo do jornalismo esportivo. Já participou de transmissões tanto no rádio (Rádio Nacional Br / Rádio Roquette), quanto na TV pública aberta (TV Brasil), assim como também em plataformas digitais, canal de *Youtube* e outras extensões, a exemplo de um projeto que participa formado apenas por mulheres chamado “As damas do esporte”. Ela foi a primeira mulher a narrar uma final de libertadores no estádio em 2019. Mas, para muita gente, não importa a informação dada, conforme vimos no tópico anterior comparando as narrações da Isabelly com a de outros homens, nem sequer o repertório, bagagem, currículo – isso quando a formação delas é levada em crença. As ações não são validadas. Não importa se acertou. Vão fazer pensar que foi um erro. Um erro, sobretudo de estar trabalhando com esporte. Como se fosse um deslocamento.

No dia 27 de fevereiro de 2024, o perfil das Damas do Esporte fez uma denúncia pública em seu perfil oficial no *instagram*⁶ de alguns dos comentários feitos durante a narração da Luciana em um jogo pelo “Canal Goat”, no *youtube*.



⁶ Link da denúncia: <https://www.instagram.com/p/C327dqfu9Ub/?igsh=MWpuZXU5cHRmZm15Zw==>
(Acessado em 14/05/24)



Comentários esses que não são nem metade dos problemas e violências enfrentadas, mas que por si só, já carregam um peso grande. Associando-as a trabalhos domésticos, de cozinha, assediando, hiper sexualizando, e praticando outras violências. Não importa o extenso currículo ou até sua pós graduação em jornalismo esportivo. A invalidação é enfática.

Um dos comentários clama por “qualquer amador homem para narrar”, o que reforça a ideia da problematização. Ou seja: não importa quão qualificada seja, eu quero um homem. O não gostar do trabalho de alguém é possível. A questão é que há uma pré definição que anula muitas vezes o pensamento crítico. Em muitos casos não é um “não gostei” realmente porque não agradou e sim porque quem está conduzindo não é a pessoa imaginada e idealizada que dialoga com o padrão de comparação pré-estabelecido. Porque esse pensamento “do senso comum” trata-se de uma repetição de padrões estéticos e semióticos. Poucos estão abertos a reflexão sobre de onde vem isso, sobretudo, para presenciarem outras maneiras de enunciação.

Jorge Cardoso e Juliana Gutman (2019) ajudam a ilustrar esse processo com a discussão sobre as expectativas de performance criadas pelo público a partir de uma ideia de experiência consolidada, ou seja, o que as pessoas esperam ver na TV (ou rádio, internet) à frente de coberturas de futebol, neste caso. Há uma imagem. Existe um padrão que é amplamente pensado. O que foge disso, causa estranheza. Se a expectativa do público que reproduz ideias patriarcais é que mulheres tem que estar na cozinha, logo, quando elas aparecem no futebol, nota-se comentários como aqueles citados acima em relação a narração da Luciana Zogaib.

Adentramos nesses universos com expectativas e campos de experiência já consolidados, de modo que o engajamento mimético se desenvolve a partir desse regime interacional. As interpelações identificadas nas relações entre obras e espectadores (sejam eles também leitores, ouvintes, jogadores etc.) são parte das operações miméticas que constituem a interação. Desse modo, são elas mesmas estruturas instáveis que podem se consolidar em um novo padrão de recepção ou ser apenas um borramento, uma ruptura com os regimes espectatoriais instituídos. (Gutman, Cardoso Filho, 2019, p. 111)

Apesar dos obstáculos presentes para desarticulação da ideia de quem pode ou não performar no futebol, é importante o registro de cada ação de pessoas fora dos padrões

masculinos e heteronormativos. Alcança pessoas, inspira pessoas, encoraja pessoas. Mesmo o problema sendo mais abissal do que parece. E esse diálogo com o mundo “não midiático”, na perspectiva de alcance do telespectador/ouvinte/internauta, é de suma importância. Ângela Marques (2012) discorre sobre a potência de ser percebido e registrado.

A formação de cenas de dissenso requer, portanto, uma ação comum através da linguagem e da comunicação, de modo a promover não formas de “ser em comum” (que apagam ou incorporam diferenças), mas formas de “aparecer em comum”. Para que o outro seja percebido e registrado em um domínio partilhado, ele precisa alcançar uma forma de registro no domínio público de visibilidade. (Marques, p. 138)

André Brasil (2011, p. 8) reivindica a “abertura da representação” para poder “aceitar ainda o caráter aberto das interpretações como atualização de uma relação de representação com o mundo”. Mundo esse que, embora reproduza padrões, não possui “todos iguais”. As pessoas são singulares. Essa possibilidade de abertura traz, dentro do debate, uma reflexão que dialoga diretamente com o título de sua obra: “A performance: Entre o vivido e o imaginado”. Mostrar que o imaginado previamente, vezes de forma violenta e problemática, não se limita ao “lugar” que é certo ou errado porque as diversas camadas do “vivido” de pessoas distintas podem expandir as percepções do olhar. O que também evidencia que muitas vezes as “opiniões” são construções. Em que se é induzido não a avaliar o fato, mas a pré-julgar, neste caso, pelo que se entende como não pertencente. Como mulheres trabalhando com esporte não é previamente “imaginado”, qualquer coisa que for feita tende a ser colocada em dúvida.

E à medida que vai se fazendo recortes nas camadas como cor de pele, religião, sexualidade, etc, as violências tendem a ser maiores. Não é uma competição de quem “sofre mais”, mas não dá para ignorar que a depender das características, outras escalas de problemáticas que hostilizam essas pessoas.

Luta, autoestima e progressos: coletivamente pelo coletivo

Pensar nas desarticulações dessas opressões torna-se mais difícil quando limitam a luta apenas para quem é oprimido. bell hooks (2018) acredita que um dos caminhos para a melhoria desses e de outros problemas estruturais é trabalhar em busca de um movimento de massa sobre educação feminista para todo mundo. Não deve ser papel apenas das mulheres lutar contra os preconceitos. Caso contrário, toda luta será sempre será enfraquecida, tanto na teoria quanto na prática. Assim como não só negros devem

lutar contra o racismo. Destacando também a importância do respeito aos lugares de fala, sobretudo de vivência.

Os cidadãos desta nação não conseguirão conhecer as contribuições positivas do movimento feminista para a vida de todos nós se nós não enfatizarmos esses ganhos. Contribuições feministas construtivas para o bem-estar de nossas comunidades e da sociedade são frequentemente apropriadas pela cultura dominante, que então projeta representações negativas do feminismo. A maioria das pessoas não tem conhecimento da miríade de maneiras que o feminismo mudou positivamente nossa vida. Compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo. (hooks, 2018, p. 38)

E a mesma hooks (2020), em outra obra, acredita que fortalecer a luta através do amor em comunidade também faz diferença. Até chegar no espaço para trabalhar, sendo fora dos padrões, é uma luta grande. Não que somente pessoas não masculinas e heteronormativas tenham dificuldades. Mas, para elas, as primeiras dificuldades já existem só por elas serem quem são. É como começar o jogo já perdendo por dois a zero – ou mais. Sendo deslegitimadas em casa pela família biológica. Pelos colegas de sala na escola, pelos colegas na faculdade, por outras pessoas ao longo do percurso no mercado de trabalho.

Os processos de entendimento, aceitação, amadurecimento e amor (por si próprias, pelo esporte, pelo trabalho) ganham mais degraus com obstáculos na escada. Como se entender enquanto alguém digno de amor, se o ambiente inserido lhe diz o contrário. Como se entender enquanto alguém com vocação para o jornalismo esportivo, se existe uma massa que diz que você, só por ser você, nem deveria tentar.

É importante compreendermos as origens de uma autoestima frágil, também é possível ultrapassar esse estágio, a identificação de quando e onde recebemos socialização negativa, e ainda criar uma base para a construção do amor próprio. (hooks, 2020, p. 95)

A construção de força de vontade passa pela autoestima e evolução da inteligência emocional. Não tem talento ou vocação que se desenvolva sozinha. Ambientes que oferecem possibilidades de tentativa fazem a diferença. Mesmo que desenvolvida internamente, é preciso mais. bell fala que para garantir uma sobrevivência, é preciso uma organização para “comunhão amorosa” em comunidade. A partir do compartilhamento dos interesses, luta pela vida e batalhas em comum, neste caso, em prol do esporte. Na articulação das amizades, nas parcerias de trabalho. Na união entendida por ela como “família estendida”, para além dos laços sanguíneos. A academia e o debate epistemológico sobre esses aspectos também fortalecem a luta.

O movimento que parte do estar só para a Comunidade aumenta nossa capacidade de companheirismo. Por meio do companheirismo, aprendemos como servir uns aos outros. O serviço é outra dimensão do amor comunal. Doar mutuamente fortalece a comunidade. Apreciar os benefícios de viver e amar em comunidade nos empodera para lidar com estranhos sem ter medo. (hooks, 2020, p. 173-175)

Não dá para desvincular os cuidados com corpo, mente, relações afetivas e familiares nestes processos. Estamos falando de seres humanos. Isso, portanto, reforça a potência da luta por autoestima para obter progressos. Estes que, vão beneficiar um coletivo que tende a se fortalecer para buscar as possibilidades de ser que lhes foram e são negadas. Se não negadas, sabotadas. Pensando no esporte, com as armadilhas violentas que atravessam, neste caso, as performances nas transmissões esportivas.

Corpo, voz e narração: encruzilhada, dribles, rolês

A presença não masculina no meio esportivo, sobretudo futebolístico distante de uma perspectiva de submissão, propagandas sexistas ou comportamentos que reproduzem objetificação do corpo é uma afronta ao sistema misógino. A ocupação de mulheres nas transmissões não modifica da noite para o dia raízes do sistema, mas, aparece como potência de transformação e luta por possibilidades. As per(forma)nces dissidentes nestes espaços propõem dribles – utilizando termos futebolísticos – no hegemônico. Porque o corpo e a voz na narração também comunicam. E, mesmo diante de muitos obstáculos almejam modos de serem escutados em busca da desconstrução da ideia do não masculino como não pertencente.

Essa perspectiva de drible dialoga fortemente com a ideia de “Encruzilhada” debatida por Luiz Rufino (2019). Este drible – ou ginga – de corpo e voz no hegemônico é como a descolonização explicitada por ele. É um tipo de instabilização da performance hegemônica, mesmo não rompendo-a totalmente. Que dá corpo a necessidade de valorizar a prática de transformação de uma “ação rebelde”. A afronta é justamente colocar o colonizado, que, neste caso, se refere a corpos e vozes historicamente silenciadas, começarem a ocupar as cadeiras de narração e a falar. Mesmo ainda assim enfrentando os obstáculos que o sistema apresenta, como em alguns casos ter que moldar sua performance para caber dentro do sistema. É uma tática de circulação de imagem e som contra hegemônicas. Para que, em futuras situações, possa haver não só narradoras, mas mulheres que ocupem outras funções, sobretudo as de coordenar e dirigir.

Levando em consideração e colocando em destaque as camadas distintas da análise, enfatiza-se que o presente debate se debruça com mais atenção as questões de

gênero. A presença de mulheres no meio esportivo por si só já é repleta de violências, entretanto, fazendo um recorte racial, pensando em mulheres negras, torna-se mais violento ainda. Os exemplos citados neste trabalho são de mulheres brancas, Isabelly e Luciana – que sofrem violências de gênero, mas não raciais – o que também abre uma reflexão sobre hierarquias, ocupação de espaços e desigualdades. Em que, por exemplo, até o momento de escrita deste artigo não foram encontrados registros e materiais para análise de narradoras negras atuando. Não anulando as problemáticas de gênero, mas entendendo que a questão racial interfere bastante em outras escalas, anulando, sabotando e interferindo nas oportunidades e permanências de formas abissais.

Rufino (2019, p.9) apresenta a necessidade de fazer emergir “a invenção de novos seres. A resiliência = construção tática a partir dos cacos despedaçados pela violência colonial”. Em que, também é apontado o conceito de transgressão, que aparece como desvio das injustiças. Esses desvios, ou dribles, somam na revolução. Que, mesmo com muitos entraves, apresenta caminhos – mais que antes em que isso nem sequer era debatido.

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias. Nesse sentido, miremos a descolonização. (Rufino, p. 11)

Esses dribles também podem ser chamados de “rolês epistemológicos”, seguindo a discussão de Rufino (2019). É como uma flecha lançada que atravessa o pensamento colonial e faz expandir o olhar sobre o que é o mundo, e convocar lutas para expansão e aberturas de caminhos. No sentido de ação prática, mas, sobretudo teórica. Avanços nas discussões. Mexer, remexer o que ele chama de “Frestas, esquinas, sobras, interstícios” (Rufino, 2019, p. 15) para desarticular uma só ideia de mundo, de comportamento, de trabalho, de ocupação, de corpo, de voz, de performance em uma contraposição à lógica colonizadora. É a possibilidade de seguir com uma reparação em relação aos injustiçados historicamente.

A manutenção desses regimes balizados na ordenação de um mundo cindido contribui para a perpetuação das injustiças cognitivas praticadas a todos aqueles desviados, uma vez que existir plenamente é ser credível e ter a vida enquanto possibilidade de fartura e encantamento. Em sentido contrário, as injustiças operadas na destituição ontológica dos seres atacam diretamente a diversidade que compõe o mundo. (Rufino, p 16)

E é nesta diversidade que compõe a sociedade que a luta se fortifica. Nestes dribles. Sobretudo, com a ideia da expansão dos debates. No fortalecimento da educação,

dos diálogos, do conhecimento, da arte, da leitura. Porque a educação é poder. Uma forte arma para poder dar “poder” aos colonizados para desarticular poderes dos colonizadores.

Além de pensar também a questão da poética, que instaura o cruzo com as sabedorias.

Nesse sentido, riscam-se os campos de batalha e mandingas dessa pedagogia. Poético, pois emerge a partir e em um diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas. Ou seja, produzidas como não possibilidades uma vez que são sistematicamente descredibilizadas. A dimensão poética, que aqui deve ser lida no cruzo com a problemática epistemológica, revela a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de linguagem. Assim, a emergência de outras gramáticas perpassa também pela dimensão política de defesa da vida em sua diversidade (Rufino, p. 17)

A defesa da vida pode ser pensada para além de ameaças à integridade física, o que também é uma preocupação. Mas, de pensar sobre como é muito mais complicado apenas existir em alguns espaços sendo quem é. Da compreensão das diferenças entre vivências. Que grupos historicamente subalternizados sofrem represálias até hoje. Que a colonização não ficou no passado romantizado dos livros de história da escola.

Múltiplas violências e as sequelas: considerações finais

Há uma resistência a reflexões sobre esse aspecto. É importante reiterar que o ponto chave do debate não é colocar o esporte como unanimidade. Nem dizer que toda mulher precisa gostar – ou necessariamente todo homem. Mas, por que algumas pessoas não podem? E isso, às vezes é reproduzido até mesmo de mulher para mulher. Não vem só do considerado o primeiro opressor, que, evidentemente é mais violento, mas, o oprimido também oprime. Não significa que todo mundo se comporta assim. Entretanto, o problema está aí, ele existe, ele é real. Ele violenta pessoas, deixa sequelas. Não pode ser descartado por conta de exceções. E esse exemplo do futebol não se restringe só ao futebol. Fala de comportamentos sociais, de dia a dia. Se aplica em muitos outros espaços. De onde vem a régua que mede quem pode ou não pode ocupar lugares? E que régua é essa?

As várias sequelas conversam intimamente com violências em muitas camadas. Falta de oportunidade de trabalho, assédios, deslegitimações, insultos, abordagens desrespeitosas, desmotivação, traumas, pressão estética, condições psicológicas – e muito mais. O fato da Isabelly Morais e da Luciana Zogaib transmitirem jogos de futebol e serem citadas aqui não significa que está tudo bem.

O título deste trabalho poderia conter apenas “presenças femininas nas transmissões”. Porém, o “não masculinas” expande as perspectivas não só biológicas como sociais, de comportamento e sobretudo: formas e per (forma)nces. O não masculino como aparência, como gestual, como tom de voz e outros aspectos que podem interferir na relação com orientação sexual, identidade de gênero, e outros aspectos. Abre precedentes para futuras pesquisas e reforça a amplitude do debate. Diálogos que pensem nos padrões e os coloque em conflito. Pensar representação e representatividade. Refletir como as linguagens e formas do sensível podem ir se alterando e contrapondo a determinados mecanismos hegemônicos, a historicidade de alguns tipos de discursos e como questionados. Sobretudo, novas linguagens que permitem outras imagens possíveis.

Este trabalho visa contribuir com as reflexões sociais de desigualdades de gênero e raça, mas, principalmente, fugir do que é rotineiro em estudos sobre futebol no campo da comunicação. Mostrar que o violento não é só o físico. Fazer marcações e enfatizar pautas que podem ajudar, em alguma escala, mesmo que pequena diante de toda uma estrutura, a diminuir violências. E fazer emergir também, de algum modo, o pensamento de que todo mundo pode contribuir, dentro do que lhe cabe, para desarticulações de violências que crescemos reproduzindo, mesmo “sem querer”.

REFERÊNCIAS

BRASIL, André. **A Performance: entre o vivido e o imaginado**. Anais da Compós, 2011.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso, Porto Alegre: UNISINOS. Janeiro-abril, 2011

GUTMANN, J & CARDOSO FILHO, J. **Performances como expressão da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos**. INTEXTTO, n. 47, vol. 03, 2019, p. 104 – 120.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Cobogó. 2020.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência.** In: Revista Contracampo, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2012. Págs: 126 – 145

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do Comum: notas para o método comunicacional.** Editora Vozes, Petrópolis, 2014.